



Por uma Didática Antirracista: Fundamentos e Práticas para as Relações Étnico-Raciais na escola

Toward an Anti-Racist Didactics: Foundations and Practices for Ethnic-Racial Relations in School

Lucimari de Oliveira Siqueira¹ Carolina Ribeiro Cardoso²

Submetido: 17/12/2025 Aprovado: 24/03/2026 Publicação: 31/03/2026

RESUMO

Este artigo analisa fundamentos e práticas de uma didática antirracista a partir de trabalhos apresentados nas edições de 2020, 2022 e 2024 do Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), buscando compreender como a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) vem sendo materializada no campo da Didática. Fundamentado em autoras como Nilma Lino Gomes e Vera Maria Candau, o estudo articula perspectivas críticas, interculturais e decoloniais que oferecem bases conceituais para o enfrentamento do racismo e para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com justiça social. A partir de um levantamento bibliográfico de caráter qualitativo, foram selecionados 13 trabalhos que descrevem experiências efetivamente realizadas em instituições de Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A análise revela um conjunto diversificado de práticas didáticas, como o uso da literatura infantil afro-brasileira, atividades estético-culturais, brincadeiras africanas e afro-brasileiras, reorganizações curriculares e ações formativas com docentes e famílias, que expressam fundamentos políticos e pedagógicos da ERER. Conclui-se que as experiências mapeadas contribuem para consolidar uma didática antirracista no cotidiano escolar, fortalecendo processos educativos que reconhecem diferenças, afirmam identidades e consolidam práticas que ressignificam as relações étnico-raciais na escola.

Palavras-chave: Didática antirracista. Educação das Relações Étnico-Raciais. Práticas docentes. Educação Infantil. Anos iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This article analyzes the foundations and practices of an antiracist didactics based on studies presented at the 2020, 2022, and 2024 editions of the National Meeting on Didactics and Teaching Practices (ENDIPE), seeking to understand how Ethnic-Racial Relations Education (ERER) has been materialized within the field of Didactics. Grounded in authors such as Nilma Lino Gomes and Vera Maria Candau, the study articulates critical, intercultural, and decolonial perspectives that offer conceptual bases for confronting racism and for constructing pedagogical practices committed to social justice. Through a qualitative bibliographic survey, 13 works were selected that describe experiences effectively carried out in Early Childhood Education institutions and in the early years of Elementary School. The analysis reveals a diverse set of didactic practices, such as the use of Afro-Brazilian children's literature, aesthetic-cultural activities, African and Afro-Brazilian games, curricular reorganizations, and formative actions with teachers and families, which express the political and pedagogical foundations of ERER. It is concluded that the mapped experiences contribute to consolidating an antiracist didactics in everyday school life, strengthening educational processes that recognize differences, affirm identities, and foster practices that re-signify ethnic-racial relations within the school context.

Keywords: Antiracist Didactics. Ethnic-Racial Relations Education. Teaching Practices. Early Childhood Education.

¹ Licenciada em Pedagogia e Licenciada e Bacharela em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Auxiliar de sala da Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação de São José/SC (SME). Santa Catarina, Brasil. ✉ lucimarisiqueira311@gmail.com.

² Doutora em Educação. Professora da área de Didática no Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Santa Catarina, Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Formação de Professores e Práticas de Ensino (FOPPE/UFSC). ✉ carolina.r.cardoso@ufsc.br.

1. Introdução

As Relações Étnico-Raciais constituem um tema amplo e historicamente marcado pelas desigualdades que estruturam a sociedade brasileira. A forma como diferentes grupos étnicos e raciais se relacionam, constroem identidades e ocupam espaços sociais resulta de processos que combinaram apagamentos, hierarquizações e resistências. Nesse sentido, a luta antirracista tem desempenhado papel central na denúncia dessas desigualdades e na reivindicação de políticas públicas que promovam justiça social.

Considerando que esses processos também atravessam a escola, optamos por analisar a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) a partir do campo da Didática, ramo da Pedagogia responsável por investigar os fundamentos e modos de realização da instrução e do ensino, convertendo “objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino [...] tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos” (Libâneo, 2013, p. 25). Essa escolha se sustenta porque é na Didática que se examinam, de forma sistemática, a organização do ensino, as metodologias adotadas, as relações de sala de aula e as concepções de conhecimento e de mundo que orientam o trabalho educativo. Compreender como a ERER tem sido tratada nesse campo permite analisar não apenas os discursos que a tematizam, mas também as práticas e estratégias didáticas mobilizadas para enfrentar o racismo e afirmar identidades no cotidiano escolar.

Nesse movimento, ganha centralidade a defesa feita pelo Movimento Negro de uma educação que reconheça e valorize as contribuições da população negra na história e na cultura brasileiras. Essa reivindicação impulsionou debates teóricos e políticos e contribuiu para a construção de políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial. Entre essas conquistas, destaca-se a promulgação da Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todas as escolas da educação básica, reafirmando o compromisso com uma educação antirracista. Sua regulamentação pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004) buscou orientar sistemas de ensino e instituições educativas para a efetivação dessa política.

Apesar de sua relevância e potência transformadora, a implementação da ERER ainda convive com desafios que revelam tensões entre o campo legal, os referenciais críticos e as práticas concretas que se materializam na escola. Embora discursos sobre justiça e igualdade racial sejam frequentes, eles nem sempre se traduzem em práticas pedagógicas capazes de enfrentar o racismo, valorizar identidades negras e promover aprendizagens interculturais. Como destaca Gomes (2017), é preciso superar a ignorância sobre o racismo e seus efeitos sociais e

educacionais para que a escola possa assumir um papel ativo na transformação das relações raciais.

Tais desafios podem ser compreendidos à luz da própria natureza do currículo escolar, entendido não como um instrumento neutro, mas como um espaço de disputas simbólicas e políticas, no qual determinadas identidades e saberes são legitimados enquanto outros permanecem marginalizados. Nessa perspectiva, a efetivação de uma educação antirracista implica não apenas a inclusão de conteúdos, mas a revisão crítica das bases curriculares e das práticas pedagógicas, exigindo compromisso institucional e formação docente contínua (Fonseca et al., 2025).

Nesse cenário, torna-se relevante compreender como a Didática tem incorporado a temática das Relações Étnico-Raciais e de que modo práticas pedagógicas antirracistas vêm sendo apresentadas no principal evento científico da área, o Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE). Analisar os trabalhos publicados no ENDIPE permite identificar tendências, estratégias e referenciais teóricos que têm orientado o debate e a prática docente no campo da Didática, justificando o recorte adotado nesta pesquisa.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo foi dar visibilidade a práticas didáticas antirracistas presentes nos anais do ENDIPE. Os objetivos específicos foram: a) localizar estudos que apresentassem práticas de ensino voltadas à EREER; b) identificar as estratégias didáticas mobilizadas nesses estudos, especialmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental; e c) mapear os principais referenciais teóricos sustentadores dessas práticas.

Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico nos anais das edições de 2020, 2022 e 2024 do ENDIPE, selecionando trabalhos que discutem práticas pedagógicas relacionadas à educação antirracista. A pesquisa buscou responder às seguintes questões: O tema da EREER tem sido objeto de estudo nos trabalhos apresentados no ENDIPE? Quais práticas de educação antirracista podem ser identificadas? Que referenciais teóricos têm sustentado as práticas didáticas apresentadas nos trabalhos analisados?

Espera-se, com este estudo, contribuir para a construção de caminhos didáticos possíveis à efetivação da Educação das Relações Étnico-Raciais nas escolas, fortalecendo práticas antirracistas comprometidas com a justiça social, com a valorização de identidades negras e com a transformação das relações raciais no ambiente escolar.

2. Fundamentos Teóricos para uma Didática Antirracista

A discussão sobre Relações Étnico-Raciais e educação no Brasil é marcada pela contribuição de inúmeras autoras e autores que refletem sobre identidade, raça, negritude,

diferença e relações étnico-raciais, tais como Lélia Gonzalez (1988), Kabengele Munanga (1999), Sueli Carneiro (2005), Frantz Fanon (2008), Abdias do Nascimento (2016), Petronilha Gonçalves e Silva (2007) e Eliane Cavalleiro (1998), entre outros, cujas produções oferecem fundamentos essenciais para o enfrentamento do racismo e para a construção de práticas educativas antirracistas.

Ainda que esse campo seja amplo, este estudo realiza um recorte analítico sustentado no diálogo entre Nilma Lino Gomes (2011; 2017) e Vera Maria Candau (2017; 2023). A escolha dessas duas autoras se deve ao fato de que, articuladas, elas permitem compreender como as diferenças raciais e culturais atravessam a escola e podem ser trabalhadas pedagogicamente, integrando saberes produzidos pelo Movimento Negro às discussões didáticas contemporâneas. É nesse ponto de encontro entre epistemologias negras e fundamentos da Didática que o pensamento de ambas se destaca como síntese potente para orientar as análises desenvolvidas nesta pesquisa.

É importante, desde o início, explicitarmos o que estamos entendendo por Relações Étnico-Raciais. Para isso, nos apoiamos no modo como Gomes (2011) utiliza esse termo, compreendendo que ele se refere a “relações imersas na alteridade e construídas historicamente nos contextos de poder e das hierarquias raciais brasileiras, nos quais a raça opera como forma de classificação social, demarcação de diferenças e interpretação política e identitária” (s/p). Portanto, estamos tratando de relações que se constituem no entrecruzamento de dimensões históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais, moldadas pelas hierarquias raciais e pelas disputas de poder que organizam a vida em sociedade.

Essa compreensão orienta a perspectiva adotada neste estudo, reforçando que as Relações Étnico-Raciais são fenômenos estruturais que atravessam toda a sociedade, incluindo as dinâmicas vividas no cotidiano escolar. Na obra de Gomes (2017), a escola é concebida como espaço atravessado por disputas de poder, por processos de racialização e por diferentes formas de visibilidade e invisibilidade. A autora discute a pedagogia das ausências, que denuncia o apagamento da população negra nos currículos e nas narrativas oficiais, e a pedagogia das emergências, que evidencia os conhecimentos, práticas e presenças negras que resistem e reconfiguram sentidos no espaço escolar. Nesse contexto, sua formulação do Movimento Negro Educador é central, pois reconhece que esse movimento social produz e difunde saberes fundamentais ao enfrentamento do racismo. Tais saberes - identitários, políticos e estético-corpóreos - fortalecem subjetividades negras, denunciam desigualdades estruturais e valorizam expressões culturais da negritude, constituindo importantes referências para práticas pedagógicas antirracistas.

O diálogo com Candau (2023) contribui para ampliar essa compreensão, especialmente ao

inserir o debate das Relações Étnico-Raciais no campo da Didática. Ao propor uma didática crítica intercultural, a autora enfatiza que a escola é um espaço culturalmente plural e que a diversidade deve ser reconhecida não como obstáculo, mas como parte constitutiva do processo de ensino e aprendizagem. Sua abordagem destaca que a diferença pode e deve ser compreendida como vantagem pedagógica, capaz de enriquecer debates, ampliar repertórios e promover aprendizagens significativas e transformadoras.

A perspectiva intercultural proposta por Candau envolve a criação de espaços de diálogo entre culturas, o reconhecimento das assimetrias e relações de poder presentes nas interações escolares, a superação de práticas homogeneizadoras e a adoção de metodologias que valorizem as experiências culturais dos sujeitos. Essa visão oferece bases conceituais e metodológicas importantes para pensar como práticas pedagógicas antirracistas podem ser desenvolvidas na sala de aula, articulando currículo, interações e estratégias didáticas.

A aproximação entre Gomes e Candau permite compreender que a Educação das Relações Étnico-Raciais não se limita à inclusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira, mas exige o desenvolvimento de práticas didáticas que reconheçam as diferenças, valorizem identidades, enfrentem desigualdades e promovam aprendizagens interculturais. Dessa forma, práticas didáticas antirracistas podem ser entendidas como ações que rompem com as ausências históricas, mobilizam diferentes saberes, reconhecem a pluralidade cultural da escola e adotam metodologias interculturais e antirracistas.

Assim, o diálogo entre Gomes e Candau não apenas fundamenta a compreensão das dimensões políticas, culturais e pedagógicas que atravessam a Educação das Relações Étnico-Raciais, como também orienta a própria metodologia deste estudo. Ambas defendem que os pressupostos críticos não podem permanecer apenas no campo legislativo, acadêmico ou epistemológico: a transformação se concretiza no chão da escola, nas práticas, nas relações e nas ações humanas que se desenvolvem no cotidiano educativo. Desse modo, as epistemologias críticas dessas autoras servem de base para identificar, nos anais do ENDIPE, trabalhos que assumem práticas didáticas antirracistas, permitindo que a seleção e apresentação desses estudos se articulem de maneira coerente com os princípios teóricos que sustentam esta pesquisa.

3. Caminhos da Pesquisa e Constituição do Corpus

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa³, que, segundo Minayo (2012), busca

³ Este estudo deriva do Trabalho de Conclusão de Curso de Lucimari de Oliveira Siqueira, intitulado *Contribuições da Didática para a Educação das Relações Étnico-Raciais: um balanço de produções do ENDIPE (2016–2022)* (Siqueira, 2023), desenvolvido sob orientação de Carolína Ribeiro Cardoso. A presente versão amplia e atualiza a pesquisa original, incorporando a edição de 2024 do ENDIPE e aprofundando sua análise teórica.

compreender as relações sociais humanas em sua complexidade, considerando que os sujeitos, por sua configuração social e histórica, “vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído” (p. 13). Partindo dessa compreensão, que destaca a dimensão histórica, contextual e processual dos fenômenos sociais, adotamos procedimentos metodológicos que permitissem analisar práticas educativas em sua materialidade e nas condições concretas em que são produzidas. Nesse sentido, optou-se por realizar um levantamento bibliográfico nos anais do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), relativos às edições de 2020, 2022 e 2024, devido à relevância desse evento, realizado bianualmente, para a área da Educação, especialmente para o Campo da Didática.

Passemos agora aos critérios de seleção dos trabalhos e aos resultados iniciais do levantamento. O primeiro critério de seleção consistiu em identificar, no título, resumo e/ou palavras-chave, trabalhos que apresentassem ao menos um dos seguintes descritores: relações étnico-raciais/étnico-racial, raça/racial, etnia. Esse critério implica reconhecer que existem outros trabalhos que relatam práticas antirracistas, mas que não fizeram uso desses termos no título, resumo ou palavras-chave, motivo pelo qual não foram selecionados.

A partir dos descritores definidos, foram localizados 111 trabalhos: 58 publicados no ENDIPE de 2020, 46 na edição de 2022 e 7 em 2024. As edições de 2020 e 2022, realizadas em formato online, contaram com um número total de trabalhos significativamente maior do que a edição de 2024, que ocorreu presencialmente, o que contribui para contextualizar parte dessa variação⁴. Ainda assim, mesmo considerando essa diferença, seria esperado um número mais elevado de estudos que utilizassem o descritor “relações étnico-raciais” na edição de 2024. Uma possível explicação para esse descompasso é a adoção crescente, na área, de outros termos correlatos, como interculturalidade, antirracismo ou decolonialidade, que podem ter sido mobilizados para tratar de temas semelhantes, impactando a identificação de trabalhos a partir dos descritores selecionados.

Ao analisar os trabalhos localizados, foi possível agrupá-los em dois grandes conjuntos de categorias. O primeiro diz respeito aos níveis de ensino contemplados nos estudos, reunindo produções voltadas à Educação Infantil, aos anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental, ao Ensino Médio, ao Ensino Superior, à Educação Profissional e à formação de professores, sendo que esta última apresentou o maior número de trabalhos (23 estudos), seguida pela Educação Infantil (13 estudos).

O segundo conjunto refere-se a temáticas e modalidades específicas, que não se restringem a um único nível de ensino. Nesse grupo encontram-se produções que tratam da

⁴ As edições de 2020, 2022 e 2024 do ENDIPE reuniram, respectivamente, 1.176, 909 e 535 trabalhos no total.

Educação de Jovens e Adultos (EJA), da educação indígena, da educação quilombola, do uso da literatura infantil como recurso pedagógico para o trabalho com as relações étnico-raciais, bem como estudos sobre livros didáticos e metodologias de ensino em áreas específicas do currículo, em diálogo com a ERER. Esse conjunto diverso evidencia que o tema das Relações Étnico-Raciais atravessa tanto diferentes etapas da escolarização quanto distintas abordagens pedagógicas e modalidades educativas.

Em seguida, aplicou-se um segundo critério de seleção, que consistiu em priorizar trabalhos voltados à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental, etapas fundamentais para compreender como práticas antirracistas se concretizam nas primeiras experiências escolares das crianças. Por fim, utilizou-se um terceiro critério, que restringiu a seleção aos estudos que descreviam práticas pedagógicas voltadas para a Educação das Relações Étnico-Raciais, efetivamente realizadas no cotidiano de instituições de ensino e assumidas em uma perspectiva explicitamente antirracista.

Com a aplicação desses três critérios, chegou-se ao total de 13 trabalhos, distribuídos nas edições de 2020, 2022 e 2024 do ENDIPE. Esses estudos constituem o corpus analisado nesta pesquisa, permitindo compreender como práticas antirracistas vêm sendo construídas, narradas e compartilhadas no campo da Didática, especialmente no trabalho pedagógico com crianças.

4. Práticas Didáticas Antirracistas: apresentação e análise dos trabalhos

Com a seleção dos treze trabalhos concluída, iniciamos nesta seção a apresentação e análise das práticas didáticas identificadas. O esforço aqui é compreender como discursos, referenciais teóricos e compromissos antirracistas se materializam no cotidiano da Educação Infantil e dos anos iniciais. Para isso, organizamos a discussão em dois movimentos complementares: (a) apresentação dos trabalhos e das estratégias didáticas mobilizadas; e (b) sistematização dos principais aportes teóricos que fundamentam essas práticas.

a) *Apresentação dos trabalhos e das estratégias didáticas mobilizadas*

O primeiro trabalho, “O empoderamento étnico-racial negro através da apropriação da contação de história de heróis africanos na infância” (2020), de Jefferson Pacheco (UFES), discute a contação de histórias como estratégia para minimizar discursos racistas, preconceituosos e discriminatórios na Educação Infantil. O autor defende que narrativas bem escolhidas podem promover valorização da cultura negra, representatividade e equidade. A proposta consistiu na contação de histórias de heróis africanos, extraídas da coleção “Histórias dos Vencidos”, de

Maciel de Aguiar⁵, com o intuito de fortalecer a identidade das crianças, especialmente das crianças negras. Após as encenações, realizou-se uma roda de conversa para observar o envolvimento, as compreensões e as interpretações das crianças, constituindo um momento de escuta e diálogo.

O segundo trabalho, “A pão careca: discutindo sobre raça e gênero nos anos iniciais” (2020), de autoria de Cláudia de Freitas e Gabriela Dias (SME–Rio de Janeiro) e Jonê Baião (CAp-UERJ), relata uma experiência com estudantes do 5º ano de uma escola pública situada em uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro. O objetivo da ação foi problematizar expressões pejorativas dirigidas a meninas negras de cabelos crespos - em especial o termo “pão careca” - e promover reflexões sobre raça, gênero e respeito. As professoras iniciaram o trabalho discutindo o significado da expressão e seus efeitos político-sociais. Ao longo das semanas, retomaram situações do cotidiano escolar para incentivar as crianças a identificar, questionar e combater manifestações preconceituosas dentro e fora da escola. As autoras defendem que conflitos e tensões vivenciados no cotidiano devem ser tomados como oportunidades pedagógicas para o enfrentamento do racismo.

O terceiro trabalho, “Narrativas de docências antirracistas” (2020), de Deise da Conceição (UFF), Layla Coury (Colégio Pedro II) e Patrícia Baron (UFRJ), tem como objetivo apresentar duas experiências pedagógicas antirracistas desenvolvidas em escolas públicas do Rio de Janeiro. A primeira experiência integrou a “Feira Literária” da escola e envolveu o estudo da vida e da obra de Carolina Maria de Jesus, juntamente com referências como Wilson Simonal e Martin Luther King Jr. Como atividades práticas, foram realizadas oficinas de bonecas abayomi⁶, oficinas de turbantes e discussões sobre a estética negra. A segunda experiência articula literatura, arte e história afro-brasileira para desconstruir a imagem do negro apenas como escravizado. Entre as ações realizadas estão: estudo do gênero relato de experiência com base no Diário de Bitita (Carolina Maria de Jesus); roda de conversa com o funkeiro Mano Teko sobre sua música “Quilombo, favela, rua”; pesquisas de estudantes e docentes a partir da pergunta “O Brasil é racista?”; produção de camisetas com frases antirracistas para a mostra pedagógica de novembro.

O quarto trabalho, “Afroamar e afroamar-se pelo brincar de ler e de ouvir histórias na Educação Infantil” (2020), de Roberta Teixeira e Denise Cruz Souza (SEMED Nilópolis/RJ),

⁵ Conforme o autor do trabalho, a coleção “História dos vencidos” possui a publicação de 25 histórias de personagens africanos, tais como: Benedito Meia Léguas, Silvestre Nagô, Constância d’Angola, Negro Rugério, Rosa Flor, Teodorinho Trinca-Ferro, Zacimba Gaba, entre outros.

⁶ A narrativa amplamente difundida sobre as bonecas abayomi sustenta que mulheres africanas, durante as travessias forçadas nos tumbeiros - navios de pequeno porte utilizados no tráfico de pessoas escravizadas entre a África e o Brasil - rasgavam pedaços de suas roupas para confeccionar pequenas bonecas feitas de nós ou tranças, oferecendo-as às crianças como forma de acalento e proteção espiritual. Contudo, Barros (2024) demonstra que essa história constitui uma romantização que acaba por apagar a autoria contemporânea da artesã maranhense Lena Martins, criadora das bonecas abayomi tal como são conhecidas hoje: bonecas de pano feitas sem costura e sem cola. Para a autora, reconhecer essa origem é também um gesto antirracista, pois impede a perpetuação de apagamentos históricos e valoriza produções culturais negras realizadas no presente.

apresenta um projeto que articula leitura, cultura afro-brasileira e práticas de combate ao racismo na Educação Infantil. Com base nas Diretrizes Curriculares para EREER e na Lei 10.639/03, o projeto envolveu: contação de histórias; produção de materiais didáticos pelas crianças e suas famílias; oficinas, práticas pedagógicas críticas e decoloniais; estudos sobre saberes e valores civilizatórios afro-brasileiros; discussão de relações de gênero nas EREER (como feminismo negro); formação continuada em serviço para professoras/es. Havia ainda a proposta de lançar um título literário por mês para leitura em rodas de histórias, criando um repertório contínuo de referências negras para as crianças.

O quinto trabalho, “Infância e microações afirmativas formativas: discutindo o contexto da prática docente” (2020), de Edmilson Ferreira e Cristiane Suzat (UFRJ) e Luiza Soares e Viviane dos Santos (SME-RJ), apresenta duas narrativas docentes sobre intervenções antirracistas na Educação Infantil. A primeira narrativa ocorreu no CApEI-UFRJ, no curso de extensão “Crianças e Infâncias”. Uma das ações realizadas no módulo “raça” foi uma Oficina de Turbantes, que deu origem ao “Mês da Diversidade Étnica”. Durante esse período, desenvolveram-se atividades como pintura afro, dança, contação de histórias, produção de abayomis, confecção de joias africanas e brincadeiras temáticas. A segunda narrativa, realizada em uma sala de leitura da SME-RJ, envolveu um processo democrático de escolha de temas com a comunidade escolar. O tema “Relações Étnico-Raciais” foi o mais votado e resultou em: formação da equipe pedagógica sobre EREER; análise e reorganização do acervo da sala de leitura; criação de jogo da memória com personalidades negras; apresentação das figuras históricas às crianças, reforçando referências positivas.

O sexto trabalho, “Literatura infantil afro-brasileira no desenvolvimento das Relações Étnico-Raciais na infância” (2020), de Marcela Fior (UFES), descreve uma experiência de pesquisa-intervenção sobre como a literatura infantil afro-brasileira pode contribuir para a EREER na Educação Infantil. A autora iniciou mapeando livros disponíveis na instituição e, a partir daí, desenvolveu oficinas literárias com obras afro-brasileiras. As ações envolveram: reunião com pais, mães e docentes para apresentar os livros e discutir seus objetivos; círculos de leitura com as crianças; leitura e reconto de histórias como “O Mundo no Black Power de Tayó”, de Kiusam de Oliveira, e “Lukenya e seu poder poderoso”, de Odara Dèlé; produção de um panô⁷ africano após o reconto da história; oficina fotográfica sobre ancestralidade e construção de árvore genealógica; contextualização geográfica da África e das comunidades quilombolas no Espírito Santo.

O sétimo trabalho, “Me empresta o lápis cor de pele? Discutindo a autorepresentatividade

⁷ Os panôs são painéis têxteis de inspiração africana utilizados como suporte artístico e pedagógico para expressar identidade, ancestralidade e elementos da cultura afro-brasileira.

na formação dos pequenos” (2020), de Roberta de Sousa (PMN), Maria Mendonça, Mairce Araújo e Phellipe Moreira (FFP/UERJ), apresenta experiências antirracistas desenvolvidas com uma turma de crianças de 4 anos, em Niterói/RJ e em uma escola de samba mirim em Duque de Caxias. O projeto, vinculado ao programa Educação e Cidadania, nasceu da dificuldade das famílias em se autodeclararem negras. As ações envolveram: debate inicial sobre identidade racial; leitura de literaturas infantojuvenis com protagonistas negros; discussão a partir do livro “A cor de Coraline”, de Alexandre Rampazo, questionando a expressão “cor de pele”; comparação entre diferentes tonalidades na caixa de lápis e nas peles das crianças; atividades sobre reconhecimento racial articuladas ao cuidado do corpo, à história familiar e ao território onde vivem.

O oitavo trabalho, “Pibid na educação infantil: um olhar sobre práticas pedagógicas antirracistas” (2020), de Luísa Andries (Colégio Pedro II), Julia Peçanha, Larissa Lopes e Stephani Coelho (UNIRIO), apresenta experiências vividas por três licenciandas e uma professora de Educação Infantil no contexto do Pibid. As intervenções foram realizadas após situações de discriminação racial observadas na turma. As ações incluíram: disponibilização de materiais representativos (giz de cera em várias tonalidades, bonecas e bonecos negros, livros com protagonistas negros); contação de histórias semanal com personagens negros; aproximação de artistas negros às crianças; atividades de teatro e animação que valorizassem a herança africana; diálogo sobre cultura afro-brasileira por meio de experiências sensoriais e literárias.

O nono trabalho, “O samba e os valores civilizatórios afro-brasileiros: intencionalidades pedagógicas na educação infantil” (2022), de Joana Gonçalves (FME Niterói), Mairce Araújo e Raquel Pinto (FFP/UERJ), relata um projeto antirracista desenvolvido com bebês de dois anos em uma Unidade Municipal de Educação Infantil. A proposta articula samba e a Mandala dos Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros (Trindade, 2006): oralidade, corporeidade, cooperativismo, musicalidade, ancestralidade, memória, axé, ludicidade e circularidade. As práticas envolveram: apresentação das cantigas “Samba Lelé” e “Samba da Minha Terra”; uso de instrumentos de percussão de brinquedo; discussão de fotos de artistas como Dorival Caymmi, Ivone Lara e João Gilberto; vídeo sobre culinária afro-brasileira e brincadeira de “fazer feijoada”; ida ao mercado com as crianças para comprar os ingredientes da feijoada; exploração de literatura sobre samba e cultura popular.

O décimo trabalho, “Quando marcadores étnico-raciais interrogam práticas pedagógicas: potenciais e desafios da docência multicultural na creche” (2022), de Paulo da Silva Junior (UNIRIO), Adriana Gonçalves e Erika Loureiro (UFRJ), analisa contribuições de uma abordagem multicultural na Educação Infantil a partir de um estudo de caso em uma creche municipal do Rio de Janeiro, com uma turma de maternal II (3 a 4 anos). A partir de observação participante e entrevista com a professora, foram identificadas práticas como: rodas de histórias

com princesas de diferentes origens - princesas africanas e princesas da Disney - seguidas de conversas sobre identidade racial; mobilização explícita da professora sobre a legislação referente ao currículo multicultural; envolvimento das famílias no processo; organização de práticas que buscavam desconstruir estereótipos e promover a igualdade racial.

O décimo primeiro trabalho, “Formando professores e alunos para um ambiente escolar antirracista e de respeito aos direitos humanos e à convivência democrática” (2022), de Leocardia da Cruz (SME Américo Brasiliense-SP), Luciana Giovanni (PUC-SP) e Camila Hofling (UFSCar), relata uma pesquisa com estudantes e docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental para promoção de práticas antirracistas e de respeito aos direitos humanos. As estratégias utilizadas foram: rodas de conversa sobre Relações Étnico-Raciais; apresentação e discussão de livros, vídeos, documentários e músicas sobre diversidade racial; reorganização da sala em círculo, favorecendo diálogo e participação; registro e análise das reflexões das crianças e dos professores ao final das atividades.

O décimo segundo trabalho, “Relações étnico-raciais no chão da escola: a construção da identidade na Educação Infantil” (2024), de Gustavo Pinto Alves da Silva (UFRRJ), apresenta uma experiência desenvolvida com uma turma de 4 a 5 anos de uma escola municipal da Zona Oeste do Rio de Janeiro, em parceria com o NEAB AYÓ. As ações envolveram diferentes práticas afro-pedagógicas, tais como: leitura de literatura afro-brasileira; rodas de conversa sobre identidade e cultura negra; produção de desenhos e atividades de artes visuais; propostas que dialogavam com ancestralidade, pertencimento e estética negra. Durante as atividades, o autor realizou conversas individuais e coletivas com as crianças, acompanhando como elaboravam suas percepções sobre cor e identidade racial.

O décimo terceiro trabalho, “Relações étnico-raciais na infância: onde estão as crianças negras no currículo da Educação Infantil?” (2024), de Cecília Esteves e Rita de Oliveira e Silva (UFRJ), apresenta uma experiência realizada no âmbito do Programa de Residência Pedagógica, em uma turma de Pré I (crianças de quatro a cinco anos) de uma escola municipal da Zona Norte do Rio de Janeiro. A proposta surgiu da observação de que o cotidiano da Educação Infantil apresentava pouca representatividade para crianças negras. Para ampliar essa presença no currículo, as residentes utilizaram como estratégias didáticas: momentos de leitura com livros protagonizados por personagens negros, escritos por autores e autoras negras (como Yabá Kererê Maria: A menina da escola com samba e Com qual penteado eu vou?); atividades de autorretrato, valorizando as características fenotípicas das crianças; brincadeiras africanas e afro-brasileiras, como Mamba, Da Ga, Terra/Mar, Pegue o Bastão e Guerreiros Nagô, integradas à rotina da Educação Infantil; uso de elementos da cultura afro-brasileira para compor ambientes, interações e propostas do dia a dia. As ações foram inspiradas nos valores afro-civilizatórios e nas

brechas decoloniais, buscando incluir referências positivas da cultura negra nos momentos de leitura, brincadeira e interação que estruturam a rotina da Educação Infantil.

A partir da leitura dos treze trabalhos selecionados, foi possível identificar um conjunto expressivo e diversificado de estratégias didáticas mobilizadas por professoras, professores, residentes e pesquisadoras/es para o trabalho pedagógico com a Educação das Relações Étnico-Raciais. Embora as experiências apresentem especificidades relacionadas ao contexto institucional, ao nível de ensino e aos objetivos das propostas, observam-se recorrências importantes que se organizam em torno de cinco grandes eixos: literatura e narrativas; estética e autorrepresentação; brincadeiras e experiências corporais; currículo e materiais pedagógicos; e práticas dialógicas e formativas. O quadro a seguir apresenta uma síntese das principais estratégias identificadas.

Quadro 1: Eixos e estratégias didáticas identificadas

Eixo	Estratégias
1. Literatura e narrativas	- Contação de histórias de heróis africanos (Coleção Histórias dos Vencidos) - Leitura de obras com protagonistas e autores negros/as - Estudo de personalidades negras de diferentes campos de atuação (Carolina Maria de Jesus, Wilson Simonal, Martin Luther King) - Oficinas com literatura afro-brasileira (Tayó, Lukenya, A Cor de Coraline) - Roda de histórias multiculturalizadas (princesas africanas) - Reconto de histórias
2. Estética e autorrepresentação	- Confeção de bonecas abayomi - Oficinas de turbantes e joias africanas - Pintura afro e produção artística de valorização da estética negra - Atividades de autorretrato - Construção de panô africano - Oficina fotográfica e árvore genealógica - Releitura de imagens de artistas negros
3. Brincadeiras e experiências corporais	- Brincadeiras africanas e afro-brasileiras (Mamba; Da Ga; Terra/Mar; Pegue o Bastão; Guerreiros Nagô) - Danças afro - Atividades de teatro e animação
4. Currículo e materiais pedagógicos	- Produção de camisetas antirracistas - Produção de materiais didáticos com as famílias - Materiais pedagógicos representativos (bonecas/os negros, giz de tons de pele, livros com protagonistas negros) - Criação do “Mês da Diversidade Étnica” - Levantamento e reorganização do acervo de ERER - Uso de canções afro-brasileiras - Culinária afro-brasileira e práticas culturais (vídeos, ida ao mercado, feijoada) - Mobilização dos valores civilizatórios afro-brasileiros
5. Práticas dialógicas e formativas	- Rodas de conversa com crianças - Conversa com artista negro - Pesquisa orientada por questão problema (“O Brasil é racista?”) - Encontros com famílias - Organização do espaço em círculo - Formação continuada de docentes

Fonte: Anais do ENDIPE (2020-2024). Quadro elaborado pelas autoras.

A análise das estratégias didáticas evidencia que a literatura infantil e a contação de histórias constituem o eixo mais recorrente entre os trabalhos selecionados, funcionando como porta de entrada privilegiada para a discussão sobre identidade, representatividade e memória coletiva. A presença de personagens negros, autores negros e narrativas afro-brasileiras aparece como um recurso fundamental para tensionar o currículo e promover processos de identificação positiva entre as crianças. Nesse conjunto, ganha destaque a potência das narrativas produzidas por mulheres negras, que, ao articularem experiência, memória e identidade, contribuem para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis, críticas e humanizadoras, ao mesmo tempo em que tensionam o silenciamento histórico dessas vozes no espaço escolar (Dantas; Santos; Silva, 2025).

As atividades estéticas e de autorrepresentação também se destacam, mobilizando elementos da cultura africana e afro-brasileira para a construção de novas imagens de si e do outro. Bonecas abayomi, turbantes, pinturas afro e autorretratos são práticas que contribuem para desestabilizar padrões hegemônicos de beleza e valorizar corporalidades negras.

As brincadeiras e experiências corporais aproximam as crianças de práticas culturais africanas e afro-brasileiras de forma lúdica, reforçando a interação e brincadeira como territórios férteis para a EREER. No campo curricular, observa-se um movimento consistente de incorporação de materiais representativos, reorganização de acervos, uso de músicas, culinária e valores civilizatórios afro-brasileiros, sinalizando que o enfrentamento ao racismo demanda intencionalidade e continuidade no planejamento pedagógico.

Por fim, práticas dialógicas e formativas mostram que a EREER envolve relações, escuta, participação e reflexão coletiva, dimensões que abrangem tanto as crianças quanto as famílias e profissionais da escola. A formação docente, presente em diversos trabalhos, reforça que práticas antirracistas se sustentam em processos permanentes de estudo, debate e reelaboração.

A leitura dos treze trabalhos revela ainda um dado significativo: dez deles referem-se a práticas desenvolvidas na Educação Infantil, enquanto apenas três dizem respeito aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Quando observamos o volume total de trabalhos apresentados nas três edições analisadas do ENDIPE, torna-se evidente que são poucas as experiências que descrevem práticas antirracistas nessa etapa da escolarização. Essa quase ausência nos convida a refletir. Estaria a EREER encontrando maior abertura na Educação Infantil por dialogar mais diretamente com propostas lúdicas, expressivas e culturais? Ou, ao contrário, seriam os anos iniciais atravessados por pressões relacionadas à alfabetização, ao cumprimento de conteúdos e à organização mais rígida do tempo escolar, o que reduz o espaço para práticas que envolvem diálogo, arte, escuta e interações? Seriam tensões políticas e pedagógicas próprias dessa etapa que dificultam a inserção da temática? Ainda que não seja possível responder definitivamente a essas

questões, elas indicam um campo de investigação promissor e revelam um desafio importante: ampliar e fortalecer práticas antirracistas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, etapa crucial para a formação das identidades e para a construção da igualdade racial na escola.

b) *Sistematização dos principais aportes teóricos que fundamentam essas práticas*

A leitura dos treze trabalhos permitiu identificar um conjunto amplo de autoras e autores que fundamentam as práticas e reflexões sobre Educação das Relações Étnico-Raciais. Embora os estudos sigam caminhos metodológicos e ênfases distintas, é possível reconhecer núcleos de referência recorrentes, que conformam o campo teórico que sustenta as práticas antirracistas descritas.

Entre os nomes mais citados, Nilma Lino Gomes (2005; 2017) aparece como a principal referência mobilizada nos trabalhos. Suas discussões sobre Relações Étnico-Raciais, currículo, políticas públicas, identidade étnico-racial e movimento negro educador orientam diferentes propostas de intervenção pedagógica, sobretudo aquelas voltadas à afirmação identitária, ao reconhecimento de saberes produzidos pela população negra e à crítica às ausências e silenciamentos do currículo escolar.

Outro conjunto de trabalhos dialoga com a perspectiva de Silvio Almeida (2018), especialmente em torno da noção de racismo estrutural, entendida como chave para compreender as desigualdades que atravessam a escola e as práticas educativas. Nessa mesma direção, aparecem autores como Hédio Silva Júnior (2002) e Maria Aparecida Bento (2012), cujas análises sobre igualdade racial, diversidade racial e relações de poder são acionadas para justificar a necessidade de práticas pedagógicas que combatam discriminações cotidianas.

Referências como Grada Kilomba (2019) e Anete Abramowicz (2018) são mobilizadas para problematizar formas de racismo presentes no cotidiano e na rotina escolar, incluindo processos de invisibilização, padrões hegemônicos de beleza e estigmatização de traços fenotípicos negros. Obras de Kabengele Munanga (1999), Eliane Cavalleiro (1998), Aparecida Sueli Carneiro (2005), Fúlvia Rosemberg (2014), entre outras, também oferecem contribuições pontuais, sobretudo no que diz respeito aos conceitos de raça, etnia, discriminação, epistemicídio e desigualdade.

Além dessas referências mais consolidadas no campo das Relações Étnico-Raciais, os trabalhos analisados mobilizam aportes teóricos que dialogam diretamente com as práticas desenvolvidas. Destacam-se, nesse sentido, as proposições de Azoilda Loretto da Trindade (2006), que aparecem associadas aos valores civilizatórios afro-brasileiros, e contribuem para fundamentar experiências com música, culinária, brincadeiras e práticas corporais que afirmam a ancestralidade africana na Educação Infantil.

Por fim, os trabalhos mais recentes ampliam esse repertório ao dialogar com perspectivas

decoloniais, principalmente a partir de Catherine Walsh (2016), com destaque para a noção de brechas decoloniais como espaços do cotidiano escolar em que é possível insurgir contra a lógica colonial e inserir práticas que valorizam culturas africanas e afro-brasileiras. Esse referencial aparece associado à revisão crítica do currículo, ao uso de literaturas negras e à reconfiguração das rotinas da Educação Infantil.

Em conjunto, os referenciais teóricos mobilizados nos trabalhos analisados apontam para um campo plural, que articula críticas às estruturas racistas que organizam a sociedade e a escola; defesa de currículos que contemplem experiências, conhecimentos e estéticas negras; compreensão da infância como etapa central para a formação identitária; e valorização das práticas didáticas que aproximem crianças de culturas africanas e afro-brasileiras de maneira contínua, estética, lúdica e significativa.

5. Considerações Finais

A Didática ocupa um lugar estratégico na articulação entre teorias e práticas que tornam possível o processo de ensino-aprendizagem e a formação de sujeitos críticos capazes de interpretar e transformar a realidade em que vivem. Esse campo de conhecimento vinculado à Pedagogia não se limita a métodos e técnicas, mas envolve a compreensão das relações de poder, das diferenças culturais e dos projetos de sociedade que atravessam a escola. Nesse sentido, temas emergentes na agenda social, política e educacional passam a interpelar diretamente o campo, como é o caso da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), foco deste estudo.

O levantamento realizado nas três últimas edições do ENDIPE (2020, 2022 e 2024) permitiu identificar 111 trabalhos que utilizavam os descritores “Relações Étnico-Raciais”, “raça” ou “etnia” no título, resumo ou palavras-chave. Esse conjunto de produções evidencia a crescente inserção da temática no campo da Didática, acompanhando a ampliação dos debates públicos e acadêmicos sobre desigualdades raciais, implementação da Lei nº 10.639/03 e demandas históricas do Movimento Negro por uma escola antirracista. A criação, no ENDIPE 2022, de um eixo específico dedicado à Didática, Práticas de Ensino e ERER reforça esse movimento de consolidação temática.

Entretanto, ao refinar o escopo para localizar trabalhos que descrevessem práticas pedagógicas efetivamente implementadas na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, foram identificados apenas treze estudos. Embora indiquem caminhos importantes, esse número relativamente reduzido aponta para uma lacuna significativa entre a produção teórica sobre ERER e a sistematização das práticas pedagógicas realizadas no cotidiano escolar, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, lacuna também apontada por Gomes

(2017) ao discutir a distância entre as normativas e sua efetivação no “chão da escola”.

A análise das experiências descritas nos trabalhos revelou ampla diversidade de estratégias didáticas, como contação de histórias de matriz africana, rodas de conversa com crianças e famílias, valorização da literatura afro-brasileira, oficinas de estética e autorrepresentação negra, uso de brincadeiras africanas e afro-brasileiras, reorganização de materiais em sala, visita de artistas negros, atividades culturais envolvendo música e culinária, além de ações de formação continuada com equipes pedagógicas. A centralidade da literatura infantil como estratégia aparece em grande parte das propostas, confirmando sua função de mediação crítica e de construção de identidades positivas.

Essas práticas dialogam diretamente com os referenciais teóricos que fundamentam este estudo. Ao afirmarem a potência da ERER como espaço de disputa e transformação, os trabalhos se aproximam da perspectiva de Nilma Lino Gomes, sobretudo no que diz respeito à pedagogia das emergências, ao enfrentamento das ausências históricas e à valorização dos saberes identitários, políticos e estético-corpóreos mobilizados pelo Movimento Negro Educador. Do mesmo modo, encontram ressonância na concepção de Vera Maria Candau, para quem a Didática crítica intercultural exige reconhecer a diversidade cultural como constitutiva da escola, promover o diálogo entre saberes e compreender as diferenças como vantagem pedagógica, princípio presente nas experiências que colocam a cultura afro-brasileira no centro das ações com crianças pequenas.

Os trabalhos também reforçam que as práticas antirracistas ganham força quando ocorrem de maneira contínua, intencional e articulada ao currículo, ao projeto político-pedagógico e à formação docente, e não apenas como ações pontuais ou restritas ao mês da consciência negra.

Por fim, reafirma-se que educar para as Relações Étnico-Raciais é reconhecer que o enfrentamento ao racismo precisa atravessar toda a vida escolar, estruturando currículos, práticas pedagógicas, projetos político-pedagógicos e processos formativos. Conforme defendem Gomes e Candau, a ERER não se limita à inclusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira, mas envolve uma mudança ética, epistêmica e pedagógica que coloque a diferença no centro do trabalho educativo. Uma Educação para as Relações Étnico-Raciais exige práticas contínuas, intencionais e comprometidas com a valorização dos saberes afro-brasileiros, com a afirmação das identidades negras e com a crítica às desigualdades que marcam o cotidiano das escolas. Assumir esse compromisso significa romper com a supremacia de epistemologias eurocentradas e reconhecer que as culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas são constitutivas do país e da formação das crianças. Assim, defendemos que as práticas didáticas antirracistas constituem o caminho concreto para a efetivação de uma Educação para as Relações Étnico-Raciais, capaz de

promover justiça social, dignidade e o direito à diferença nos espaços educativos.

Referências

ABRAMOWICZ, A. *Infância, raça e escolarização*. São Paulo: Summus, 2018.

ALMEIDA, S. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANDRIES, L. et al. Pibid na educação infantil: um olhar sobre práticas pedagógicas antirracistas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XX*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; ENDIPE/DP et Alii, 2020. Disponível em: https://www.andipe.com.br/files/ugd/fd8b07_804997437b9e441aa1a4dc1ca3c57847.pdf. Acesso em: 08 out. 2025.

BARROS, Isabela Neves Moreno. Abayomi: uma revisão teórica do brincar e identidade racial na Educação Infantil. *Revista da ABPN*, v. 15, n. 43, p. 9–33, 2024. Disponível em: <https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1530>. Acesso em: 09 dez. 2025.

BENTO, M. A. S. (org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos e conceituais*. São Paulo: CEERT / CEERT Educação, 2012. Disponível em: <https://media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/educacao-infantil-igualdade-racial-e-diversidade-aspectos-politicos-juridicos-conceituais.pdf>. Acesso em: 08 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2004.

CANDAU, V. M. *Didática crítica intercultural: aproximações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CANDAU, V. M. Didática crítica intercultural e decolonial: uma perspectiva em construção. In: LONGAREZI, A. M.; PIMENTA, S. G.; PUENTES, R. V. (orgs.). *Didática crítica no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2023. p. 208-232.

CARNEIRO, A. S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 08 nov. 2025.

CAVALLEIRO, E. dos S. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. 1998. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000995054>. Acesso em: 08 nov. 2025.

CONCEIÇÃO, D. G. et al. Narrativas de docências antirracistas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XX*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; ENDIPE/DP et Alii. 2020. Disponível em: https://www.andipe.com.br/files/ugd/fd8b07_4bfcdea4d6364547a67d9f91b9d6967d.pdf. Acesso em: 08 out. 2024.

CRUZ, L. C. R. et al. Formando professores e alunos para um ambiente escolar antirracista e de respeito aos direitos humanos e à convivência democrática. In: ENCONTRO NACIONAL DE

DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XXI*. Uberlândia: FAGED/UFU, 2022. Disponível em: <https://www.andipe.com.br/c%C3%B3pia-livros-xx-endipe-rio-2020-1>. Acesso em: 08 out. 2024.

DANTAS, L. M.; SANTOS, A. F. S.; SILVA, J. F. da. Narrativas de mulheres negras na escola: Conceição Evaristo e o ensino de literatura. *Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, v. 13, p. 562–576, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18482686>.

ESTEVES, C. E. S. et al. Relações étnico-raciais na infância: onde estão as crianças negras no currículo da educação infantil?. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XXII*. João Pessoa/PB. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/116375>. Acesso em: 08 dez. 2025.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://archive.org/details/frantz-fanon-pele-negra-mascaras-brancas/page/2/mode/2up>. Acesso em: 08 nov. 2025.

FERREIRA, E. S. et al. Infância e microações afirmativas formativas: discutindo o contexto da prática docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XX*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; ENDIPE/DP et Alii, 2020. Disponível em: https://www.andipe.com.br/files/ugd/fd8b07_804997437b9e441aa1a4dc1ca3c57847.pdf. Acesso em: 08 out. 2024.

FIOR, M. M. D. Literatura infantil afro-brasileira no desenvolvimento das Relações Étnico-Raciais na infância. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XX*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; ENDIPE/DP et Alii, 2020. Disponível em: https://www.andipe.com.br/files/ugd/fd8b07_804997437b9e441aa1a4dc1ca3c57847.pdf. Acesso em: 08 out. 2024.

FONSECA, E. M. F. da *et al.* Currículo e diversidade cultural: caminhos para uma educação antirracista e plural. *Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, v. 12, p. 452–460, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.16923776>.

FREITAS, C. J. et al. “A pão careca”: discutindo sobre raça e gênero nos anos iniciais. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XX*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; ENDIPE/DP et Alii, 2020. Disponível em: https://www.andipe.com.br/files/ugd/fd8b07_4bfcdea4d6364547a67d9f91b9d6967d.pdf. Acesso em: 08 out. 2024.

GOMES, N. L. Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas Estratégias de Atuação. In: MUNANGA, K, (org.). *Superando o racismo na escola*. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2011/06/superando-o-racismo-na-escola.pdf>. Acesso em: 13 out. 2025.

GOMES, N. L. *Educação, Relações Étnico-Raciais e a Lei 10.639/03*. 2011. Disponível em: https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-lei-10-63903/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwgrO4BhC2ARIsAKQ7zUn5Y5iF4k8zp1oog-

[JvGWxcF-wUkhnHMrdodKXHX0LNZfG6QHGWmNYaAm3pEALw_wcB](#). Acesso em: 14 out. 2025.

GOMES, N. L. *Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GONÇALVES, J. J. et al. O samba e os valores civilizatórios afro-brasileiros: intencionalidades pedagógicas na educação infantil. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XXI*. Uberlândia: FAGED/UFU, 2022. Disponível em: <https://www.andipe.com.br/c%C3%B3pia-livros-xx-endipe-rio-2020-1>. Acesso em: 08 out. 2024.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2025.

JUNIOR, P. M. S. et al. Quando marcadores étnico-raciais interrogam práticas pedagógicas: potenciais e desafios da docência multicultural na creche. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XXI*. Uberlândia: FAGED/UFU, 2022. Disponível em: <https://www.andipe.com.br/c%C3%B3pia-livros-xx-endipe-rio-2020-1>. Acesso em: 08 out. 2024.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MINAYO, M. C. S. *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. Ciência & Saúde Coletiva, 2012, v. 17, n. 3, pp. 621-626. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/>. Acesso em: 14 out. 2024.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016 (reedição).

PACHECO, J. D. O empoderamento étnico-racial negro através da apropriação da contação de história de heróis africanos na infância. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XX*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; ENDIPE/DP et Alii, 2020. Disponível em: https://www.andipe.com.br/files/ugd/fd8b07_e723f6605db2445c80ef1ef96a205fc7.pdf. Acesso em: 08 out. 2025.

ROSEMBERG, F. Educação infantil e relações raciais: a tensão entre igualdade e diversidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 44, n. 153, p. 742-759, jul./set. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053142856>.

SILVA, G. P. A. Relações étnico-raciais no chão da escola: a construção da identidade na educação infantil. ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO.

Anais do ENDIPE XXII. João Pessoa/PB. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/116270>. Acesso em: 08 dez. 2025.

SILVA Júnior, H. *Direito de igualdade racial: aspectos constitucionais, civis e penais – doutrina e jurisprudência*. São Paulo: J. de Oliveira, 2002.

SILVA, P. B. G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*, Porto Alegre/RS, v. 30, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2745/2092>. Acesso em: 08 nov. 2025.

SIQUEIRA, L. de O. *Contribuições da Didática para a Educação das Relações Étnico-Raciais: um balanço de produções do ENDIPE (2016–2022)*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/254787>. Acesso em: 25 mar. 2026.

SOUSA, R. D. et al. “Me empresta o lápis cor de pele”? discutindo a auto representatividade na formação dos pequenos. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XX*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; ENDIPE/DP et Alii, 2020. Disponível em: https://www.andipe.com.br/files/ugd/fd8b07_804997437b9e441aa1a4dc1ca3c57847.pdf. Acesso em: 08 out. 2024.

TEIXEIRA, R. G.; SOUZA, D. C. C. M. Afroamar e afroamar-se pelo brincar de ler e de ouvir histórias na educação infantil. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO. *Anais do ENDIPE XX*. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; ENDIPE/DP et Alii, 2020. Disponível em: https://www.andipe.com.br/files/ugd/fd8b07_804997437b9e441aa1a4dc1ca3c57847.pdf. Acesso em: 08 out. 2024.

TRINDADE, A. L. Valores e Referências Afro-brasileiras. In: BRANDÃO, A. P. (org.). *A Cor da Cultura: Caderno de atividades, Saberes e Fazeres*. Volume 3: Modos de Interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

WALSH, C. Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Interculturalizar, Descolonizar, Democratizar: uma educação “outra”?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.